

A PATRIA

ORGÃO REPUBLICANO DO CONCELHO DE OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Director — Antonio Valente d'Almeida

Redacção: Rua de St.ª Anna

Administrador — Fernando Arthur Pereira

Rua das Figueiras

ASSIGNATURA

Em Ovar, (villa) semestre	500 réis
Para fóra da villa, Continente e Africa, semestre	600 »
Brazil, semestre	700 »
Avulso	20 »

Propriedade da Empresa do jornal "A PATRIA,"

Composição e impressão — IMPRENSA CIVILIZAÇÃO

de Viuva Lemos & Gonçalves

RUA DE PASSOS MANOEL, 211 a 219 — PORTO

Annuncios: 1.ª publicação, 40 réis a linha. Repetições, 20 réis
Permanentes e reclames a preços convencionaes.

Communicados a 50 réis a linha. Aos assignantes 25 % de abatimento

Nobres palavras d'um padre

Sr. director do *Portugal*, rev. J. Lourenço de Mattos — Acabam de remetter-me o n.º 631 do seu jornal, de sexta-feira 19 de fevereiro, em que v. rev.ª, referindo-se a mim, que tambem sou padre catolico, faz publicas apreciações ao meu proceder de cidadão com direitos eguaes aos de outros cidadãos, como v. rev.ª. Devo esperar, por conseguinte, que no mesmo jornal em que fui atacado me seja publicada a resposta que em consciencia entendo dever dar. No pequeno artigo em que v. rev.ª aprecia a minha attitude de padre catolico e de republicano militante, aceita v. rev.ª de bom grado, como o aceita a igreja de que ambos somos ministros, *que eu, em tese, seja republicano*. Magnanimamente, e dando-me uma licença paternal, diz-me v. rev.ª: «efectivamente entre a religião e a republica, *sob o ponto de vista doutrinario*, não ha incompatibilidade. . . E, o sr. padre Gil republicano? Pois que o seja, mas deixe-se de politicas».

Mas que me deixe de politicas?! . . . Esta restricção e que é de v. rev.ª e não da igreja, e a mim compete-me acatar os ensinamentos da igreja, e não os de v. rev.ª, que tem tanto de infalivel como eu. Segundo a peregrina interpretação de v. rev.ª, eu posso ser republicano. . . no estrangeiro ou na Lua, emfim numa patria que não seja a minha Patria. . . Ou então posso ser republicano *in petto*, se eu me sinto preso á terra em que nasci e quero ligar as forças da minha alma á procura da felicidade dessa Patria, pela maneira que a razão, dada por Deus, me diz que é a melhor e a que a minha fé não contraria. Mas isso — o ser republicano *in petto* não seria ser republicano; seria ser eu tão republicano como são catolicos aquelles que nada *cumprem* da religião catolica, nunca fazendo coincidir as obras com as ideias ou palavras, o que nunca foi serio nem digno.

E porque me faz v. rev.ª essa restricção? Porque «o partido republicano portuguez — diz v. rev.ª — *visa especialmente a destruir, a par do trono, o altar*». Seria preciso que v. rev.ª de-

monstrasse o que tão desembaraçadamente, e talvez tão impensadamente, afirma. Tal demonstração não a faz v. rev.ª, e o que encontro é, por um lado, no programa do Partido Republicano Portuguez, a consignação da liberdade para a minha religião, e com a liberdade eu nada receio pelo triunfo do catolicismo, nem noutras condições elle póde entender-se e prezar-se: e, superiormente a isso, vejo qual é o caracter da instituição republicana, aliás exemplificada em povos do velho e novo mundo, e vejo que, em republica, é a nação (de que todos somos partes), quem impõe a sua vontade, e não o capricho de uns seres absurdamente privilegiados dispondo do destino dum povo a seu talento, desde o secreto dum palacio. Quem ahi, na republica, tem voz, sou eu, republicano e padre catolico e são, com a nação, todos os catolicos portuguezes e são, com todos esses, os meus colegas no sacerdocio, muitos já republicanos e muitissimos mais que o hão de ser por patriotismo, e até para garantirem a paz religiosa.

E sabe v. rev.ª o que, a meu pensar profundamente sincero, é um mal e um grande mal? É o tacto que v. rev.ª toca num ponto do seu artigo, quando alude a que a propaganda republicana *no sul de Portugal ataca a religião e os seus ministros*, ao passo que no norte dá o braço aos padres. Creio que v. rev.ª viu o facto por um prisma que tudo exagera e vejo que v. rev.ª interpreta esse facto a seu modo. Mas se algum fundo de verdade ha na diferença da propaganda republicana no sul, onde os padres a não acompanham, como v. rev.ª diz, — o erro e o mal viria só do modo como muitos padres entendem cumprir o seu dever civico e patriótico e até religioso.

Sim, meu reverendo colega! É a minha vez de a v. rev.ª dizer, e creio que com bem mais razão: seja o sr. padre Mattos muito embora monarchico, uma vez que a monarchia, genericamente, não é uma heresia, nem sequer um schisma e não é, portanto, incompativel com a religião; e uma vez que não ha em Portugal *um só partido politico*, inclusivé o nacionalista, que expulse do seu gremio os impios, os ateus e a imprensa asqueroza; uma vez que Alfredo Gallis não é banido da *Liga Monarquica* por ser o auctor

mais conhecido de folhetos pornograficos, nem o *pietoso* Fialho de Almeida é banido das proprias columnas do *Portugal*; e uma vez que do campo monarchico não é banido Roberto Sampaio, auctor do *projecto de lei do «divorcio»*, nem banidos foram os figurantes da celebre *caça aos padres*, na cidade de Lisboa, nos festejos antoninos, e nem de lá nem de nenhures são banidos os livres pensadores ou os socios do *Revisto Civil*, que está tanto ao serviço da monarchia como da Republica, tendo de lá sido expulso por sinal em 1902 o republicano dr. João de Menezes, por constar que enterrara catolicamente uma filhinha. Seja o sr. padre Mattos muito embora monarchico, — «mas deixe-se de politicas. . .» dessas politicas que tem sido a nossa vergonha e ruina. Não se bandeie com a chusma de adeptos a que Dias Ferreira chamara quadrilhas de ladrões, depois de os orgãos dos dois partidos historicos haverem confessado que o paiz foi posto a saque. Não se bandeie com essa gente onde ha tantos irreligiosos, inimigos figadaes do altar. V. rev.ª, seguindo a esses e atacando a Republica, serve, a um tempo, de capa de ladrões, e cria uma situação precaria á igreja no dia em que se proclame a Republica em Portugal, o que é questão de tempo — e só cegos o não vêem.

Do juramento que tive de prestar como professor do liceu, não se preocupe v. rev.ª, porque o juramento, á face da religião, não prende á iniquidade. É, á face da honra, não seja v. rev.ª mais realista que o rei, como sobre incompatibilidades religiosas se mostrou mais papista do que o Papa: — tanto sua magestade não se dedigna de apertar a mão aos que combatem francamente a realeza, tendo embora prestado os juramentos simbolicos, que ainda ha dias, em Lisboa, na inauguração do *monumento a Saldanha*, solicitou do sr. Antonio de Azevedo as diligencias precisas para apertar a mão honrada de todos os vereadores republicanos ali presentes a seu lado, e que, todavia, tinham prestado, ao tomarem posse dos seus lugares na camara, o mesmo juramento que eu prestei, e em que ha uma parte permanente, que é a Patria e uma parte transitoria que é o seu representante ocasional. Isso que ho-

je se faz pela Republica, fizeram-no os homens de 1640, que estavam adstrictos ás fórmulas do poder constituído, que era o dos Filippes. E fizeram no os homens da monarchia liberal, que v. rev.ª hoje defende, contra o antigo poder absoluto. De resto, a admitir se o dispauteio que parece acobertarse nas palavras de v. rev.ª referentes ao juramento symbolico, condemnar-se hiam não só esses movimentos nacionaes mas todos os movimentos de antigas épocas e ainda esse recentissimo e tão belo movimento da *Joven Turquia*. Seria condemnar — v. rev.ª bem vê — *todo o progresso*. É o absurdo.

E, já agora, a v. rev.ª comunico o meu espanto por ver (em numero, posterior, do *Portugal*) v. rev.ª asseverar, como um policia que *carregue a parte*, que eu para fazer a propaganda politica deixo de cumprir as minhas obrigações profissionais. Dir-se-hia que v. rev.ª, um padre e um paroco, escrevendo para publico e fazendo propaganda num jornal politico, dir-se-hia que v. rev.ª tinha a certeza de que eu, nos momentos em que fazia a propaganda politica, tinha obrigação de estar dizendo alguma missa ou regendo alguma aula. É calumnioso, isto. E não assevero que v. rev.ª ao escrever essa calumnia faltava a algum dever junto de suas ovelhas, porque o não sei, e porque sendo v. rev.ª e eu dois padres da mesma religião e dois adversarios politicos, os processos de discussão, de combate e de propaganda são diferentes!

De v. rev.ª, etc. — Padre Manuel Pires Gil.

Vianna do Castello, 3 de março de 1909.

A OBRIGA

Alvôres

Vae formidavel o imbroglio, nos Balkans, e a guerra presume-se lá, e receia-se. Mobilizam os austriacos os seus exercitos e os servios, esses fortes slavos do sul, aprestam-se para a guerra, contando com os irmãos do norte — os russos. Seja como fór, venha a guerra ou vingue a paz, não é agora o estudo d'essas probabilidades o leit-motiv que nos interessa. É o caso de uma noticia nos jornaes, referente á descoberta de uma associação secreta, anti-militarista na Austria-Hungria.

Contam que a descobriram pesquisas policiaes, e tão formidavel a rede era da sociedade secreta que sua influencia e ação chegavam a dezenas de rejimentos, alicando officaes e soldados na sua revolucionaria expansão destrutiva e confortadora. Nada de guerra, e em caso do estado maior do exercito ordenar a invazão do paiz servio, sublevação pacifica das tropas, recuzando-se simplesmente a marchar. Tal a noticia, tal o facto. Comentarios poucos lhe ymos, sem que por isso o successo deixe de valer o que verdadeiramente merece — em atenção e em valia. Porque é d'uma verdadeira grande Revolução — a mais fecunda, porque é a mais humana — que a noticia nos chega na concisão telegrafica. A Austria é um imperio catolico-absolutista, pouco propicio até agora a inovamentos liberaes, ainda que minado de ha muito por uma das mais insistentes e mais frutuozas energias do socialismo europeu. Mas o scopo do imperio, principalmente nas suas instituições czaristas — a maior das quaes é a caserna —, mantinha, apesar de tudo, continua e una, a tradição do passado catolico e aristocratico. E, justamente, é da sua instituição por excelencia conservadora, que surge a cabeça de Meduza, triunfante, de um movimento cuja finalidade é a morte do estado atual do mundo: — a destruição da barbarie guerreira, e, com ella, a de todo o estado burguez.

É claro que, amanhã, na hipotese da guerra austro-servia os officaes e soldados que se recuzarem á luta, por minoria, nem por isso a evitarão; mas ficará o seu exemplo admiravel, e como a doutrina é simples de perceber, inumeros outros o imitarão para o futuro: — até serem não a maioria mas a grande vontade unanime.

Questão de tempo, e vão já dando belas esperanças as predicas de Tolstoi e do libertarismo — questão de tempo, para que essa amaldiçoada e satanica conga, que é o militarismo, da face do mundo desapareça. Depois, e só depois, se poderá entregar o homem ao anôr, ao trabalho, á verdadeira vida benefica.

Será a grande Revolução, e será a ultima; — não tão distante que se não possa anunciar-a aos vindoiros.

Antonio Valente.

ECOS DA SEMANA

Na vinha do Senhor

Formidavel o temporal provocado pela pastoral do bispo Barrozo, que os bons catolicos não estão dispostos a aceitar com humildade, segundo os preceitos pios. Proibir que cantem mulheres nas igrejas, parece-lhe a bons feis uma insupportavel exquiritice do assomado (já assim lhe chamam) e precipitado pastor. O que é certo é que as corporações e as confrarias não gostam, e ainda ninguem ouviu a opinião das devotas, que essa deve ser contudente e fêra para a intolerancia do bispo. Ares turvos, que podem trazer um cisma á sociedade catoli-

ca d'esta diocese, enquanto não venha um novo cantor de «Missopes» imortalizar a contenda.

Nós fazemos votos porque tudo acabe em paz, isto é: em se devorarem uns aos outros os grilos da sacristia.

Encalhes

Nada menos de trez couraçados encalhados a semana finda, a aumentarem o rol dos accidentes de marinha em França. Parece, salvo seja, a nossa invencivel armada, num eucalhe proficual de velhorra, essa forte esquadra franceza; tantos os accidentes e os desastres de que tem sofrido, com grande alegrão do jermano que aumenta espantozamente as suas forças navaes. Parece a nossa — sem ofensa, para uns e outros maritimos — e está a precisar bem que lhe levantem o mão olhado — melhorando aquilo. Vamos lá a vêr — que nós, condenados estamos a isso.

Depoimentos

Na sessão da camara dos pares, sexta feira, declarou o par do reino Teixeira de Souza, que o emprestimo ultimo de 4600 contos, só na mão dos contratadores deixou 400 contos. Exclamou o digno par (como sóe rezar o extrato das sessões):

«Um emprestimo que deixa na mão dos contratadores 400 contos de reis apesar da garantia de fundos, dos caminhos de ferro é ruinozo, é immoral». Será assim. Devemos lembrar que o afirma um antigo ministro da corôa, monarquico fiel, absolutamente dedicado á casa real, e alem de tudo conhecedor de finanças como poucos, postas a dentro da monarquia.

Não seria nunca leviano na sua apreciação, já pela categoria, já pela situação, já mesmo pelos bons creditos que gosa de homem d'affaires. Portanto a sua afirmação é precioza e expressivamente elucidativa. Não é o primeiro depoimento monarquico, sobre o emprestimo, nem será o ultimo, que ao menos esse merecimento possuem os homens da monarquia — o de se pôrem em pratos limpos: Entretanto, é um conhecimento preciozo a afirmação de Teixeira de Souza. Um emprestimo de 4600 contos que só de comissão aos contratadores custa a quantia de 400 contos de reis — que é que pode e deve chamar-se? «Ruinozo, immoral» como afirmou o marechal rejenerador? Ruinozo — bem. Imoral... upa. O nome d'aquilo é o segredo de toda a administração monarquica, classificado por rejeneradores e carimbado por progressistas.

A Liga

Reune, semanalmente, ás quintas-feiras, no largo Quintela em Lisboa. Na ultima presidia á sessão Julio de Vilhena, intressantissimo na pastiche em que pretendeu misturar a monarquia com a republica. Tudo muito bem, belos jeitos, largos discursos, e culminante, ao acabar da sessão, um voto de louvor ao Conde de Arnozo proposto por Alfredo Galis, um escritor muito em voga em certos meios lisboetas de que fojem as pessoas limpas. Voto de louvor ao Conde de Arnozo pela sua lealdade monarquica, porque o sr. Conde não larga d'olho a intentona em que anda metido com algumas almas cristãs.

Aprovado por todos os servidores presentes, por todos sancionado, como se Bernardo Pindela fosse algo mais que um virulento desmiolado e imprudente. E' claro, tudo isto resulta em lustre da monarchia radioza e rasgadamente liberal.

Negocios finos

Vendeu o governo a papelada do emprestimo novo a 67:000 reis nos mercados, e comprou-as pela junta do credito publico aos negociadores do emprestimo a 75:000 reis. Essa compra atinjiu 13000 titulos

e n'eles perdeu o tezouro a bagatela de 108 contos de reis. Como exemplar de negocio em perspicacia e seriedade é fundamentalmente Espregueiral: como prova das maravilhas do emprestimo é tipico e edificante. Mas o emprestimo... o emprestimo. Muito se tem dito sobre essa operação desgraçada, e ainda não é tudo — de tal sorte desvantajosa foi a reles operação. Mas era preciso dinheiro; preciso para amaciar más vontades, para consolidar alianças, para pagar servidores, e os caminhos de ferro, que serviram de taboleta, que esperem para novo emprestimo — para as kaledudas, que os povos não os merecem, já que pagam modelarmente já que sofrem humildemente.

Em Liliput

Guerra eminente entre as republicas de Salvador e de Nicaragua, duas nacionalidades do tamanho de uma avelã que Jonatham enguliria a um só almoço sem se dizer bem comido; guerra por cauza de uma banana que os de um lado, saltando o muro foram roubar ao vizinho. Porque não mandam lá os Wankés qualquer honrado policia dar uma sova aos meninos? Porque os não condenam a para o futuro não ter soldados de chumbo nem cruzadores de latão?

Para terem juizos — os ninguém.

Lourenço Marques

Insistentes tem na imprensa estrangeira circulado boatos de venda de Lourenço Marques aos inglezes. Desmentidos pelo nosso governo, desmentidos na imprensa estrangeira nem por isso os alviçareiros recuam ou desanimam na faina. A novidade ultima é a de um acordo luzo-transvaliano, em consequencia do qual a exploração do porto e caminho de ferro de Lourenço Marques revertiriam aos inglezes. O governo portuguez, é claro, não aliena a nossa primeira cidade de Africa e a sua rica provincia, porque nisso nem sequer pensa, ou porque, se o chegou a imaginar, logo lhe viu a impossibilidade — dadas as evidentes disposições de todo o povo, de toda a nação irredutivelmente hostis a transações d'essa ordem. Todavia algo haverá — o quê?, com certeza não se sabe ainda, mas provavelmente qualquer surpresa que não esperamos nos seja boa — et pour cause...

ARA

OS CIGANOS

Em marchas lentas estropeadas, aos solavancos pelas estradas,

cheios de andrajos e de ladeira, de monte em monte, de feira em feira,

sob as faiscas do sol ardente, vão os ciganos, tranquilamente.

Vão em magotes, em caravanas, por entre as choças e as arribanas,

pelos charnecas, pelos valados, olhos em fogo rostos tismados.

Magros fantasmas da vida errante quando elles surjem, perto ou distante,

de toda a parte se erguem clamores: rogam-lhe pragas os lavradores.

E contra o bando, roto e esfaimado ladram, investem os cães de gado.

Mas os ciganos são mais matreiros, que os lavradores e que os rafeiros:

raça dispersa de maltrapilhos, passam com bestas, fêmeas e filhos,

suportam pragas, chufas, maus tratos, sofrem insultos e desacatos,

até que ao termo de taes canceiras, á sombra antiga das azinheiras,

encontram sempre paz e repouso, sob a ampla benção do ceu piedozo.

E' dura a terra que vão pizando, sentem revoltas, de quando em quando,

nas incertezas de um rumo vario, contra as agruras do seu fadario...

N'uma penuria faminta e reles, olham os campos que não são d'elles,

freças alfombras, nedias manadas, vinhedos, hortas, eiras pejudas,

riqueza em barda, sorte ás mancheias abarrotando vidas alheias.

E ó homem rico tu tem cautela, que a ciganejém não se rebelia

contra o destino que é dezumano, sem te dar perdas ou causar dano.

Nunca lhes negues esmola e abrigo: senão montados, mēdas de trigo,

alpendres, choças, serras de palha, afora o caso que Deus te valha,

Has-de vêr tudo se os maltratares, lambido em chamas por esses ares.

E ovelhas, cabras, chibatos, anhos, o melhor que haja nos teus rebanhos,

as tuas eguas, os teus cavallos, se te descuidas, hão-de roubal-os,

E hão-de vendel-os, raça embusteira, de monte em monte, de feira em feira,

Almas sem crenças, que andaes á tôa, sem ter no mundo quem se condôa,

da vossa sorte rude e mesquinha, que ideal, que sonho vos encaminha?

Onde ides, almas desamparadas, almas penadas, pelas estradas,

almas dispersas, almas errantes, em corpos toscos e extravagantes?

De que paizes do extremo oriente vindes trazidos pela corrente

da mais sombria fatalidade? Qual é, ciganos, a vossa idade?

Ninguém o sabe, nem vós sabeis d'onde é que vindes e onde é que ireis.

Andaes aos tombos, aos solavancos pelas charnecas, pelos barrancos,

incendiando, roubando, e quando a morte ás vezes vos for ceifando,

tereis na terra paz e repouso, sob a ampla benção do ceu piedoso!

Conde de Monsaraz

Congresso Municipalista

Vae realizar-se, brevemente, em Lisboa um congresso dos municipios com o fim de transformar as atuais condições de dependencia e sujeção das municipalidades em um estado novo de independencia e autonomia. Todas as camaras do paiz devem tomar no mais alto interesse esse congresso de necessidade comum — todos sem distincção de qualidade politica devem concorrer a ele, discutir as tezes ahí propostas; aprezenlar qualquer manifestação de interesse, de simpatia e de intelligencia — pelo importante problema. Trata-se de dar vida propria, robusta e livre á instituição mais na indole da tradição nacional, trata-se de tornar os municipios o que eles podem e devem sêr como creadores de uma nova ordem de cousas dentro da sociedade portugueza.

Monarquicas ou republicanas todas as camaras do paiz devem aderir ao congresso, pois nele não se vae testilhar por formas de rejime monarquicas ou republicas, mas vae tratar-se de procurar a formula racional e exequivel de melhorar a instituição do Municipio, libertando-o da actual situação de tutelada, essa vergonha, essa baixaza em que vivem as camaras em Portugal.

Verificadamente util ou não; nenhum municipio pelos seus representantes deve deixar de lhe dar o seu concurso sincero. Se todos os municipios quizessem — que imensa força irresistivel que governo algum ouzara a enxovalhar ou esquecer nas reclamações a fazer. Sem se derramar uma gota de sangue, sem o menor sacrificio, as Camaras poderiam obter facilmente a autonomia de que carecem para viver com honra e com beneficio publico. Bastaria quererem e porque não? Pois

não se trata do bem rejional de cada localidade, não é a hora, o interesse, o futuro, o progresso e o bem estar dos povos que na sua vida interna se procuram obter pelos meios adequadamente indicados pela pratica e pelo conhecimento social? Qual a Camara seja de que terra for, que anteponha ao bem local os interesses centralistas e absorventes dos governos que em tudo e em toda a parte, o que querem é dependentes, servos, executores? Cremos que a de nenhuma terra aceitará tal conceito e verdade verdadeira, no congresso municipalista é que vão ser postas á prova as inerjias disseminadas e descordenadas das vereações portuguezas. Se triunfarem — o triunfo depende absolutamente do seu accordo e da sua boa vontade — novos dias vão aparecer no horizonte portuguez, tão sombrio hoje, tão prezajamente desanimador. E' preciso um grande esforço coletivo para sairmos da baixaza em que jazemos, e de todos os esforços dificeis aquele que pode esperar-se dos municipios sendo dos mais fecundos, não é de resto dos mais custosos.

O congresso não sendo uma reunião de compadres para elojio mutuo e comes e bebes será uma assembleia onde se trabalhe e lá lhe serão propostas tezes de elevada importancia, reveladoras de estudo e de conscienciozo desejo de fazer alguma coisa de util, de progressivo. Ovar, pela sua camara municipal, não deixará de aceitar e concorrer ao congresso, e bem louvavel será a vereação ovarense por quantos esforços realize no sentido de dar cooperação e solidariedade ás rezoluções que se tomem.

Publicamos a seguir a circular de convite dirjida pela Camara Municipal de Lisboa a todos os municipios.

E' do teor seguinte:

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. — A historia do povo portuguez é a historia das suas tradições municipaes; foi por via d'estas que elle veiu a interferir no governo da sociedade, adquirindo voto em côrtes; e é hoje indiscutivel que ao augmento de fóros e franquias municipaes e correlativo respeito por parte do poder central corresponderam na historia portugueza, os periodos de maior prosperidade material e de maior prestigio politico. E' certo que na gestão dos negocios municipaes houve erros e abusos provenientes de causas multiplas cuja enumeração não cabe nos limites d'esta simples exposição de motivos. Em taes erros e abusos, porém só havia uma parte insanavel: precisamente aquella que levava para o seio da administração municipal a politica exclusivamente partidaria. Ordenavam a logica e o patriotismo que essa politica, procedendo a um severo e sincero exame de consciencia, intelligente e honestamente separasse os peccados proprios dos peccados alheios, buscando um «modus vivendi», aceitavel para ambas as partes, em que o municipio livre colaborasse com o Estado livre no desenvolvimento intellectual, moral e economico da sociedade portugueza. Não o entendeu assim a funesta escola que, ha vinte e dois annos, approximadamente, sacudindo sobre os governados todas as culpas dos governantes, a proposito da sua falta de preparo para o «self government», centralizou toda a vida nacional no Terreiro do Paço, immobilizando-a por completo e precipitando a na crise mais grave que jámais a affligiu. Essa crise só pôde evidentemente ser debelada pelo desenvolvimento das iniciativas e actividades locais. Sem de modo algum pretendermos apurar n'este momento as responsabilidades dos chamados partidos historicos e suas desidencias na lamentavel situação politica e administrativa a que chegámos, o que não soffre duvida é que nas altas esferas da politica e da administração ha uma falta de homens que o recrutamento não supre e cujo contacto com as necessi-

dades e aspirações mentaes e materiaes do paiz é cada vez mais remota. Essa falta só pôde ser suprida pela intelligente e patriótica solidariedade das iniciativas e energias locais, contrapondo á politica e administração de «clientela» ou «regedoria» uma politica e administração nacionaes.

Essa politica e administração a Camara Municipal de Lisboa a tem feito sem olhar á filiação partidaria ou á confissão religiosa dos seus administrados, e quer-lhe parecer que, generalizada a todos os municipios do paiz a sua orientação politica, brevemente sahiriamos das graves dificuldades presentes. D'esse desenvolvimento das iniciativas e actividades locais á condição prévia e essencial a eliminação da tutela administrativa, cujo processo está feito, é um duplo flagelo politico e administrativo, e tornou-se profundamente repugnante á consciencia publica desde que sobre ella perdeu toda a auctoridade moral. A tutela é o poder, e os erros e abusos que allegou para centralisar e immobilisar nas suas mãos toda a vida nacional são meros peccados veniaes comparados com os erros e abusos por ella praticados e traduzidos n'uma divida consolidada de mais de 80:000 contos, uma divida fluctuante de mais de 80:000 contos e no analfabetismo e na miseria geraes. Por todos estes motivos e pelos demais que serão facilmente suppridos, a comissão abaixo assignada, delegada da Camara Municipal de Lisboa e cumprindo deliberação por esta approvada, resolveu convocar todas as Camaras Municipaes do paiz para um congresso plenario que se reunirá em Lisboa no dia 15 do proximo mez de abril a fim de no mesmo serem discutidas as relações da administração local com o poder central em ordem a conseguir das Côrtes Geraes da Nação Portugueza a decretação da autonomia municipal. Para esse congresso, cujo programma será opportunamente remetido aos interessadoss e do qual será inteiramente excluida a politica partidaria, temos a honra de convidar a Camara da presidencia de v. ex.^{ta}, solicitando a preciosa adhesão até ao dia 24 do corrente mez de março.

Lisboa, 2 de março de 1909. — Ill.^{mo} e ex.^{mo} senhor presidente da Camara Municipal de... — A comissão — A Braamcamp Freire, vice-presidente da camara municipal; Agostinho José Fortes, vereador; Augusto José Viara, vereador; José Miranda do Valle, vereador; José Soares da Cunha e Costa, vereador; José Verissimo d'Almeida, vereador; Luiz Filipe da Matta, vereador.

O PLANO

Constituido como foi e escassamente apoiado nas côrtes, como se encontra, o actual governo não tem nem força parlamentar nem prestigio de moral e de talento para as lutas parlamentares. Sem um unico homem de estado no seu gremio pois que é formado de nulidades, do mais charro na mediocridade, procurou, sem o conseguir, furtar-se ao pelourinho parlamentar — obtendo do rei a dissolução. Negada — por ora é bem de vêr — o remedio era ou cair ou apresentar-se ao sacrificio previsto. Apresentou-se, e como os seus elementos ao menos, ferteis são em expedientes, em manhozos trucis, iniciou o periodo parlamentar com um verdadeiro golpe de mestre, são ás claras que toda a jente lho viu; — hoje que as habilidades, as armadilhas já não iludem ninguém.

Reduzido á extremidade de têr de abrir o parlamento, como abriu, o remedio era procurar vencer o senão por direito, por arte e força. Por arte, vencer o protelando o tempo com discussões de pequenas couzas arrastando-se por sessões sem conta, de modo a fatigar e a evitar as opposições. Ha questões graves a debater — o emprestimo, os escandalos colonias, os adeantamen-

tos, a questão politica? . . . Que esperem, isto é que se arrumem pra o lado emquanto se trata do ganha tempo, em que se hade exgotar o periodo parlamentar. Por arte—por que por força não é menos mal enjehado. Abafarete quando o debate se jeneralize a materias que mal collocam o governo, abafarete para tudo que incomode, para tudo que ponha em risco a segurança do ministerio. Derivarão d'isso conflictos, corps-à-corps violentos, discursos rubros, chifrineira? . . .

Ab, tanto melhor, isso que é um excelente pretexto para a pedida dissolução. Tanto melhor isso que justifica nova ditadura ás escancaras «ditadura de saneamento», como jubiloamente lhe chamam as canastras e os canastrões. Nada mais provavel e, para nós, nada mais esparado que na segunda alinea vigore o plano. Por arte e manha, ainda que eximio, não vencerá Campos Henriques o parlamento; pela força tampouco as côrtes se deixarão dominar. Com 15 dias de abertura, e antes do debate de maior exploração de paixões, já o conflicto entre maioria e opositões atinje proporções de rara vehemencia—impossível de conciliar a Camara dos Deputados com um governo mizeravelmente formado, saído do parto de uma traição sob a benção cheia de odios do jezuitismo. Assim, a dissolução, para o governo viver, para o governo se consolidar nesse poder que lhe foje, envergonhado de taes anões.

Assim, a dissolução, para o ultramontanismo monarchista vingar pretensas injurias, cevar velhos odios, saciar hediondas vinganças «fazer entrar isto nos eixos»: isto. . . o paiz inteiro! Possível, provavel—quaze de certeza para muito em breve, naturalmente. Tal o plano do governo, tal o aneio da reacção; que assim provocam as reprezalas fataes. Defende-se assim, defender-se-ha, a monarchia radioza—á hora justamente em que tudo é angustia, incerteza, apreensões de desgraças, não apenas para o trono de um adolescente, mas sim, e isso é o que importa, para o futuro portuguez. Toda a sua emenda jurada e por assim dizer traçada pela ecliptica do rejeicio o mais que faz é debater-se em projectos de consolidação, de fortalecimento, á custa da liberdade, a cargo do tesouro e em detrimento da patria. Que pelo paiz fóra haja fome como no Douro, receios como em Lisboa, excitação d'animos como na Beira—que emfim estejamos talvez em vespuras de uma Jaquerie trajica, que mais do que nunca a hora critica se approxime—isso nada lhes interessa. O seu mundo, d'elles, os que governam, é levantar emprestimos, completar a obra da nossa ruina, e no parlamento fujirem a responsabilidades, á fiscalização e ao apuramento de contas pela evaziva do abafarete, o voto faciozo, e quiçá, a dissolução.

Entretanto o paiz que trabalhe, e morra de fome, se não ha trabalho nem pão. Por eles teem a pele do contribuinte, e por muito esfolada que esteja sempre dá, sempre rende

Mas hade acabar lhes a farandola—e não de errar nas contas que fazem:—em vez da morte que querem, virá a vida que os ecorraça.

... Que os fados não de cumprir-se!

Polvora Sêca

O Douro, a rejão agora tão nomeada pela celebridade trajica da fome, tem no seu seio um ricaço que lhe não vale e a que todavia todos, os famintos e os timoratos, piedozamente se confiam.

Esse rico nem mais nem menos é Deus, senhor de moradas sem conta, de confrarias, de obulos, de oferendas. Capitalista tem a imensibilidade avara de todos os seus confrades terraqueos, e pelas suas irmandades realiza otimos lucros emprestando ao lavrador na mizeria a juros altos, com garantia, o que lhe sobra nas suas

caixas de esmolas, extranhas a mizerias humanas, a mãos anões e a crises de produção.

Tem, como não podia deixar de sêr visto tratar-se de um rico, casas esplendidas, e não como qualquer abastado uma ou duas vivendas; mas como nenhum a divindade possui dezenas e dezenas de habitações na rejão. Essas habitações na maior parte do tempo são totalmente desabitadas, não porque falem desgraçados sem uma telha, que os há e inumeros, mas porque Deus até agora ainda se não lembrou de arrendal-as, e, gratuitamente, a sua infinita bondade a ninguem permite que as aproveite. Não comentamos se com razão, ou com sem razão, mas é triste, sem nenhuma duvida, que no paiz tão lindo, outrora, do alto Douro, feliz agora só o seja Deus.

Não negamos á divindade esse direito tão aprazível, só o que sentimos é que os mizeros não tenham casa quando Deus possui tantas inabitadas; só o que na verdade nos leva a fazer reparo é não terem os lavradores outro remedio mais que pedir a Deus, com juros, com hipoteca, a possibilidade do granjeio. Ah! almas piedozas, afadigozos e bons devotos, que pena não guardardes vós, em vez da caixa das esmolas, numa util caixa comum.

Desde os tempos das vacas gordas, no periodo aureo do vinho. . . dia a dia, se a vossa oferenda caísse numa caixa de associação;—fazei-lhe a conta, que capital fabuloso, e que riqueza perdida! Quantos de vós agora sem pão, sem trabalho e sem lar, não teriam a aliviar do máo transe o vintezito dado em bons tempos, pela honestidade e o tempo multiplicado aos milhares!

Deus é tudo quanto vos dizem, decerto, mas é um Senhor que está muito alto, que mora lonje de mais, para saber da vossa desgraça. Se tendes fome não esperis d'ele o alimento; não porque ele não vos ame como a filhos, mas porque Deus, vizivelmente, não pôde andar pelo mundo a distribuir rações como se fosse qualquer simples alma caritativa. Portanto, se tendes fome aos homens recorrereis, e os homens são duros como o seixo e sêco como a areia, como a areia bebem não dão bebida—aos homens recorrereis, ai de vós, com muito pouco proveito. Então. . . Remediar para o futuro; se for possível,—já que ao prezente toda a filosofia é sofrer. Remediar, quando, resarcidos pelo trabalho melhores dias vos apareçam. Deus não precisa de esmolas, e eu não tenho lá muita fé em que precize de cazas quem possui o cosmorama dos mundos, dos mares, das arvores, dos rios—maravilhas sem conta que nós vislumbramos, apenas. O que a sua infinita justiça aconselhará é aos homens ameaharem para si proprios, substituindo as caixas das almas, nocivas, pelas caixas economicas, pelas associações mutualistas—uma grande força dos homens na luta pela vida e na continjencia das couzas. Ora no Douro tomemos qualquer freguezia; Sedielos por exemplo. Pobres—quaze todos; á beira da ruina—os ricos de ha pouco tempo; prospero o peculio relijiozo.

Não é bem triste? Darem a Deus o produto das oferendas que a sua fé magnanimante cedia, e se quizerem, mais tarde, recorrer á bolsa divina fazel-o por sob as forcas caudinas de condições amarissimas! Toda a rejão vulcanicamente agitada, dos vales aos altos cabeços, sofre as consequencias, em parte, da imprevidencia dos seus: imprevidencia que, em tempos, chegou potente a liberalidade. Mas, o quadrante havendo mudado, cedo veio a farandola da fome, batendo de porta em porta, provocando exodos, levando a actos de desespero. E em toda

essa ruina imensa, pululante e farta, a esmola dos crentes rende soberbos juros e explora as almas infelizes com tranqüilidades de onzeneiro. Extranha a dores e a crises, que o capital do seu, como o da terra, não tem mais patria senão o juro.

CHRONICA AGRICOLA

XIII

Azóte

Como disse na chronica anterior, o azóte apresenta-se sob trez formas: organico, ammoniacal e nitrico, passando successivamente d'aquelle a este estado que é o que melhor as plantas absorvem.

Essas transformações são produzidas por uns pequenissimos seres vivos que só se descobrem por meio do microscopio e cuja acção examinarei quando, mais tarde estudarmos a nitrificação.

O azóte é a substancia que existe em maior quantidade nos adubos organicos, isto é, nos de curral, molicos, mattos, mexoalho, e nas plantas cultivadas para enterrar em verde etc.

Existe em grande quantidade, geralmente nas terras, sob a forma organica, que por isso não pôde ser aproveitado por as plantas e por cujo motivo temos de lh'o fornecer sob outras formas.

Considera-se terra media em azóte a que por cada kilo de terra contem uma gramma d'azóte; são consideradas como muito pobres as que por kilo teem menos de meia gramma d'azóte e muito ricas as que contem mais de duas grammas.

Ainda que a terra seja pobre e portanto contenha apenas meia gramma d'azóte por hectare, nem este a têm um minimo de 1:500 kilos d'azóte na camada aravel.

Sendo assim, e calculando mesmo muito por largo que uma boa colheita de trigo tira ao terreno 150 kilos apenas d'azóte por hectare, parece, que no terreno ha um excesso tal d'esse elemento que dispensa a adubação. Mas não é assim, porque esse azóte está sob uma forma que não pôde ser aproveitada por as plantas, necessitando soffrer para isso as transformações—d'organico em ammoniacal e d'este em nitrico.

Isto mesmo acontece mais ou menos com todos os outros elementos, o que justifica e explica a necessidade das adubações que são destinadas a dar ás plantas sob uma forma que ellas possam assimilar rapidamente, os elementos necessarios.

O azóte organico pôde ser fornecido por o esturme de curral ou d'aves, por plantas cultivadas para enterrar ou ainda por sangue secco ou fresco que chega a conter 10 a 14 por cento d'azóte (10 a 14 kilos por cada 100 kilos de sangue) sendo portanto um dos adubos azotados mais ricos; rasgas de cornu provenientes dos residuos das industrias que o empregam (fabricas de botões, pentes, etc.) com 11 a 13 1/2 d'azóte; mexoalho, a que convem extrahir primeiro os oleos prejudiciaes á vegetação; restos de coiro das fabricas de cortume; trapos de lã, guanos, bagagos, e até ossos se bem que a applicação d'estes seja mais pelo acido phosphorico que contêm.

Para o fornecer pelos adubos chimicos que são substancias que contem os elementos fertilisantes n'um estado de concentração, temos: o nitrato de potassa e o nitrato de sodio para a forma nitrica e pondo de parte para a forma ammoniacal o chlorhydrato d'ammonico e o phosphato ammoniacal que se não empregam no nosso paiz por o seu elevado preço temos o sulphato d'ammoniacal.

O nitrato de potassa fornece ao mesmo tempo o azote e a potassa; mas a sua causticidade e o seu elevado preço fazem com que seja mais restricto o seu consumo, tanto mais que variando a epocha e a forma d'applicação dos adubos azotados das dos potassicos, o uso do nitrato de potassa ha-de trazer desperdicio ou falta d'aproveitamento d'um d'esses elementos. Por outro lado a potassa existe naturalmente em todos os terrenos em maior quantidade, dispensando-se o seu fornecimento em grande quantidade sempre que ella não seja a predominante da cultura a fazer.

Examinarei o valor do nitrato de sodio e do sulfato d'ammoniacal, e indicarei qual o criterio a seguir na sua escolha visto que isso não é, como muitos supõem indifferente.

Mas para terminar a chronica vou fallar n'um outro adubo azotado, cujo emprego começa a generalisar-se com todas as suas incertezas.

E' a cyanamida calcica ou cal azotada. E' um preparado que contem azote extrahido do ar por um processo electro-chimico.

Tem de soffrer a transformação do seu azóte em ammoniacal e depois em nitrico, pelo que não é de effectos rapidos; é excessivamente caustica e ha até quem affirme que ella prejudica a germinação emquanto se não transforma. Deduz-se d'aqui que deve applicar-se antes da sementeira (pelo menos 15 dias) e nunca em cobertura.

E como elle perde constantemente o azote sob a forma ammoniacal, convém, mesmo para elle soffrer as necessarias transformações, encorporal-a na terra. Só pôde applicar-se em terrenos humidos e até vejo aconselhar o seu uso para adubar os arrozacs.

Tambem fornece cal. Está ainda pouco estudada.

NOTICIARIO

Dia a Dia

Passa seu anniversario natalicio no proximo dia 20 a menina Ma-

riquinhas Paes, filha do snr. Manuel Paes da Silva.

Partiram no dia 13 para Lisboa, com destino ao Pará, os snrs. Antonio Maria Gonçalves Santiago e Antonio Lopes Fidalgo.

Feliz viagem e breve regresso. Entrou em convalescência, com o que nos congratulamos, o nosso amigo José Luiz da Silva Carneira.

Tem passado incommodado de saude, experimentando felizmente agora algumas melhoras, o snr. Guilherme Soares Balreira, a quem desejamos prompto restabelecimento.

Retirou no dia 11 para Aveiro, on e é bemquisto empregado aspirante do correio, o nosso patricio Antonio d'Oliveira Pinto Junior, que durante a sua estada aqui, em serviço na estação telegrapho-postal d'esta villa, conquistou entre o publico muitas sympathias pelo seu attencioso trato.

Procissão de Passos

Com a sumptuosidade dos annos antecedentes, effectua-se no proximo domingo n'esta villa, se o tempo o permittir, a solemnidade dos Passos, que é uma das mais importantes e de maior nomeada que se realisam na provincia, especialmente no norte.

Devido, pois, a esta fama, é costume affluir por essa occasião a esta villa, milhares de forasteiros de varias terras do districto d'Aveiro e do Porto.

As 3 horas e meia da tarde tem logar o sermão do Pretorio na igreja parochial, sahindo em seguida, pelas 4 e meia, a procissão que percorre o antigo itinerario, recolhida a qual é pregado o sermão do Calvario.

E' orador o snr. P.º Augusto Ramos dos Santos, abbade de S. Feliz da Mirinha, e a parte musical está confiada á philharmonica Ovarense.

Durante o dia as differentes capellas dos Passos estão abertas e expostas á adoração dos fieis.

Como os gatunos, atrahidos pela grande agglomeração do povo que aqui afflue, tambem nos costumam visitar em tal dia, bom é que a auctoridade administrativa tome, d'ante-mão, as necessarias precauções.

Consorcio

Na igreja da Sé do Porto realisou-se no preterito sabbado o enlace matrimonial do snr. Joaquim d'Oliveira da Cunha, com a menina Rosa Lagoncha.

Prolongada lua de mel e muitas felicidades.

Fuga de presos

Na noite de 9 para 10 do corrente, evadiram-se das cadeias de Pereira d'esta comarca, por meio de arrombamento praticado na retrete da prisão os réus Ernesto Rodrigues da Silva, o «Fogueta», Arthur José Ferreira Rodrigues, o «Cuca», e Camillo Teixeira.

O primeiro achava-se cumprindo a pena pelo crime de furto e os dois ultimos estavam pronuciados por tentativa de furto na igreja parochial d'esta villa.

Não se sabe até agora o paradeiro dos fugitivos, não obstante a requisição da sua captura feita pelo digno delegado do ministerio publico n'esta comarca para diversas localidades.

Fallecimentos

Por communicação ultimamente recebida do Brazil, soube-se haver fallecido em S. Luiz do Cassianá, Estado do A nazonas, o nosso conterraneo José Dias de Rezende, filho do nosso amigo e considerado industrial snr. José Maria Dias de Rezende.

A' familia do extincto as nossas condolencias.

Tambem se finou n'esta villa no dia 14, sepultando-se no dia immediato, uma filhinha do snr. Manoel Caetano de Mattos, o Calado, antigo proprietario da padaria «Patria».

Mizericordia d'Ovar

A convite da commissão executiva da futura Mizericordia d'Ovar, reuniram domingo de tarde no theatro Ovarense varias senhoras d'esta villa.

Exposto pelo presidente da referida commissão executiva, snr. dr. José Luciano Correia de Bastos Pina, o fim do seu convite, que era solicitar do coração feminino a sua cooperação n'esta cruzada de bem, nomeou-se uma grande commissão feminina composta das seguintes senhoras: D. Maria Adelaide Aralla Chaves, D. Alcinda Braga, D. Alice Sobreira, D. Ambrozina Coelho, D. Aurora Gomes Pinto, D. Carolina Cardoso, D. Eduarda Ferraz de Liz, D. Eduarda Sobreira, D. Elva Coelho, D. Maria Emilia Briza d'Almeida, D. Gloria Gonçalves, D. Gracinda Marques dos Santos, D. Helena Cardoso, D. Irene Silveira d'Abreu, D. Julia Chaves, D. Julia Huet, D. Maria Avelina Cardoso, D. Maria Luiza Silveira, D. Maria da Luz Cunha, D. Rosa Sobreira e D. Sophia Vidal.

Esta grande commissão angariadora de donativos, escolheu para constituir a respectiva commissão executiva as seguintes senhoras: Presidente, D. Julia Chaves; Vice-presidente, D. Virginia d'Almeida Bastos Pina; Thesoureira, D. Rosa Sobreira e Secretarias, D. Gracinda Marques dos Santos e D. Sophia Vidal.

Esta commissão installou-se desde logo, trocando impressões com os cavalheiros encarregados da direcção dos trabalhos.

A commissão feminina tenciona promover, além d'outros meios de receita, uma kermesse e um sarau.

Na sessão da commissão installadora de 10 do corrente foi votado, por maioria, que a Mizericordia fosse constituída por irmandade.

A commissão executiva recebeu por intermedio do nosso conterraneo Manoel Bastos, estabelecido em Lisboa, a lista dos subscriptores da Ilha do Principe:

Antonio Augusto Gonçalves de Pinho. . .	5\$000
Antonio Ramos. . .	5\$000
José Armando Ramos. . .	15\$000
José Ramos. . .	20\$000
João Gomes dos Santos Regueira. . .	5\$000
	50\$000

Subscrição

Transporte Rs.	5 974\$320
José de Oliveira Alla —Rio de Janeiro . . .	100\$000
Joanna Emilia de Jesus Alla—Ovar	5\$000
Rosa Esperança Marques da Silva, idem. . .	2\$000
João de Pinho Barbosa	20\$000
Produto das récitas dos dias 21 e 23 de fevereiro passado . . .	82\$700
Dr. Ignacio Alberto José Monteiro	20\$000
Padre Antonio Rodrigues Conde.	5\$000
Lista da Ilha do Principe	50\$000
	6 259\$020

Carrelhas & Filho, Suc.ª
COM
Armazens de Vinhos, Aguardentes, Geropigas e Vinagres

INDICAÇÕES PARA TODOS

Comercio

(Noticias da ultima semana)

CAMBIOS

No Porto: valor da libra, ouro, de 5\$320 a 5\$350 réis.
 Valor da libra, papel, de 5\$300 a 5\$330 réis.
No Brazil: cambio—15 1/4 —/ Londres, valor da libra, 15\$737 réis.
 Custando no Brazil uma libra 15\$737 réis, produz em Portugal, ao cambio de 45—5\$330 réis.
 Cada 100\$000 réis brasileiros, a esta taxa, produzem 33\$890 réis, moeda portugueza.

Preços dos Generos

No nosso mercado

SETUBAL

Arroz: 1.^a qualidade, 15 kilos. 1\$450 réis
 > 2.^a > > 15 > 1\$400 >

BAIRRADA

> 1.^a qual., 15 kilos. 1\$350 >
 > 2.^a > > 15 > 1\$300 >
 > 3.^a > > 15 > 1\$250 >
 Batatas, 15 kilos. 400 >
 Centeio, 20 litros 820 >
 Fava, 20 litros 750 >
 Farinha de milho, 20 litros . 840 >
 > trigo, 1.^a qual. kilo. 103 >
 > 2.^a > > 93 >
 > cabecinha 62 >
 > semente superfina. > > 40 >
 > grossa > > 38 >
 Feijão vermelho, 20 litros . 1\$200 >
 > branco, 20 > 1\$160 >
 > mistura, 20 > 900 >
 Milho branco, 20 > 820 >
 > amarello, 20 > 760 >
 Ovos, duzia 150 >
 Tremço, 20 litros. 380 >
 Azeite, 1.^a qual. litro. 280 >
 > 2.^a > > 250 >
 > 3.^a > > 230 >
 Alcool puro, 26 litros. . . . 6\$800 >
 Aguardente de vinho, 26 litros. 3\$640 >
 > bagaceira, 26 litros. 3\$120 >
 > figo, 26 litros 2\$100 >
 Geropiga fina, 26 litros . . . 2\$080 >
 > baixa, 26 > 1\$430 >
 Vinho tinto, 26 litros. 800 >
 > branco, 26 > 900 >
 > verde, 26 > 900 >
 Vinagre tinto, 26 > 700 >
 > branco, 26 > 900 >

Pescado

NO FURADOURO

Companha Boa Esperança — Rendimento de janeiro a dezembro de 1908 26:297\$300 réis
Companha do Socorro — Rendimento de janeiro a dezembro de 1908 16:662\$055 >
Companha S. José — Rendimento de janeiro a dezembro de 1908 14:487\$675 >
Companha S. Pedro — Rendimento de janeiro a dezembro de 1908 12:272\$325 >
Companha S. Luiz — Rendimento de janeiro a dezembro de 1908 7:388\$835 >

NOS CAMPOS

Rendimento de

Matadouro

No mez de
 Rezes abatidas para o consumo:
 . . . Bois, com o pezo de . . . kilos
 . . . Vitelas, > > > . . . >
 . . . Porcos, > > > . . . >

Correio

Aberto todos os dias das 8 horas da manhã ás 9 da noite, excepto aos domingos, que fecha á 1 hora da tarde.

Registos e Valles até ás 5 horas da tarde.

Expede as malas para o Norte pelo comboio das 6,23 da manhã e 6,23 da tarde e para o Sul pelo das 7,52 da manhã e 10,13 da noite.

Continente, Ilhas, Africa e Hespanha

Cartas (sem limite de peso ou volume), cada 20 gr. ou fracção, Portugal e colonias. . . 25 réis.
idem (idem, idem), cada 15 gr. ou fracção, para Hespanha . . . 25 réis.
Jornaes (peso maximo 2:000 gr.) cada 50 gr. ou fracção. . . 2 1/2 réis.
Impressos (peso maximo 2:000 gr.) cada 50 gr. ou fracção . . . 5 réis.

Manuscriptos (sem limite de peso ou volume)—Até 250 gr. 25 réis
 Cada 50 gr. mais ou fracção . . . 5 >
Amostras sem valor (peso maximo 250 gr.; dimensões 30 cm. de comprimento), cada 50 gr. ou fracção 5 réis

Brazil e mais paizes estrangeiros, excepto Hespanha

Cartas, até 20 gr. 50 réis
 > cada 20 gr. ou fracção . . . 30 >
Bilhetes postaes: cada 20 >
Jornaes e impressos (peso maximo 2:000 gr.) cada 50 gr. ou fracção 10 réis
Jornaes para o Brazil, cada 50 gr. ou fracção 5 réis
Avisos de recepção—Cada um. . . 50 réis
Registo—50 réis, alem do porte, por cada objecto.

Cartas com valor declarado— Premio do seguro, alem do porte e premio do registo da carta: Continente, Ilhas e Ultramar, 20 reis por cada 20\$000 réis ou fracção.

Encomendas postaes—Volume maximo 25 decimetros cubicos, não podendo o seu comprimento ser superior a 60 centimetros, nem inferior a 10 centimetros.—Portugal (Continente e Ilhas) 200 réis até 3 kil.; 250 réis até 4 kil.; 300 réis até 5 kilos; (Africa) 400 réis 5 kilos.

Valles do correio—Portugal (Continente e Ilhas), 25 réis por 5\$000 réis ou fracção. Limite 500\$000 réis, 200\$000 réis, 100\$000 réis, conforme houverem de ser pagos nas sedes de districto, de comarca ou concelho.—Possessões portuguezas, 150 réis por 5\$000 réis ou fracção.

Os vales nacionaes tem o sello correspondente á quantia por que forem emitidos.

Telegrammas—Para o continente do paiz, 10 réis por palavra e 50 réis de taxa fixa.

Lei do Sello

RECIBOS PARTICULARES

De 1\$000 réis até 10\$000 réis. 10
 > 10\$001 > > 50\$000 > . . . 20
 > 50\$001 > > 100\$000 > . . . 30
 > 100\$001 > > 250\$000 > . . . 50
 Cada 250\$000 réis a mais ou fracção. 50
 Valor não conhecido ou declarado. 500
 Cheques ao portador 20

LETRAS DE CAMBIO

Sendo á vista e até 8 dias

De 1\$000 réis até 20\$000 réis. 20
 > 20\$001 > > 50\$000 > . . . 50
 > 50\$001 > > 250\$000 > . . . 100
 Cada 250\$000 réis a mais ou fracção. 100

A mais de 8 dias de prazo

De 1\$000 réis até 20\$000 réis. 20
 > 20\$001 > > 40\$000 > . . . 40
 > 40\$001 > > 60\$000 > . . . 60
 > 60\$001 > > 80\$000 > . . . 80
 > 80\$001 > > 100\$000 > . . . 100
 Cada 100\$000 réis a mais ou fracção. 100

Sacadas no ultramar e no estrangeiro e pagaveis em Portugal

De 1\$000 réis até 20\$000 réis. 20
 > 20\$001 > > 100\$000 > . . . 100
 Cada 100\$000 réis a mais ou fracção. 100

Associação dos Bombeiros Voluntarios

Presidente da direcção—Dr. João Maria Lopes.

Thesoureiro — Angelo Zagallo de Lima.

Commandante — Dr. Joaquim Soares Pinto.

Toques de incendio

Ruas da Praça—Graça—S. Thomé—Ribas—Areal—Neves e Sant'Anna. 4 Badaladas
 Bairro dos Campos—Ruas do Loureiro—S. Bartholomeu e Lavradores. 5 >
 Ruas das Figueiras—Outeiro—Fonte—Oliveirinha—Lamarão e Motta 6 >
 Bairro d'Arruela até á Praça. 7 >
 Ruas do Bajunco—S. Miguel—Lagôa—Nova—Velha—Pinheiro e Brejo. 8
 Ponte Nova—Ponte Reada e Sobral 9 >
 Estação e Pellames. 10 >

S. João—Cima de Villa e logares visinhos. 11 Badaladas
 Ribeira. 12 >
 Assões—Granja e Guilho-vae. 13 >
 Furadouro. 14 >
Para cessar — 3 badaladas.

Associação de Socorros Mutuos

Presidente da direcção — Dr. Antonio d'Oliveira De-calço Coentro.

Thesoureiro — Antonio da Cunha Farraia.

Cartorario — Manoel Augusto Nunes Branco.

Medico — Dr. Salviano Pereira da Cunha.

Esta associação tem por fim exclusivo socorrer os socios doentes ou temporariamente impossibilitados de trabalhar e concorrer para o funeral do associado que fallecer.

Comissão de Beneficencia Escolar

Presidente — Dr. Pedro Virgolino Ferraz Chaves.

Secretaria — D. Gracinda Augusta Marques dos Santos.

Thesoureiro — Dr. João Maria Lopes.

Esta comissão tem por fins dar ás creanças extremamente pobres da freguezia, livros, papel, tinta pennas, lápis, etc.; distribuir vestuario e calçado, alimentação, estabelecer colonias sanitarias, promover a vulgarisação da instrucção e tornar effectiva a obrigatoriedade do ensino primario.

Armazens de Vinhos

Affonso José Martins.
 Antonio da Silva Brandão Junior.
 Carrelhas & Filho, Successor.
 Manoel Ferreira Dias.
 Manoel Soares Pinto.

Agentes Bancarios

João José Alves Cerqueira, do Banco Commercial de Lisboa.

João da Silva Ferreira, de Joaquim Pino Leite e Pinto da Fonseca & Irmão.

Joaquim Ferreira da Silva, dos Bancos: Altiança, Minho e Commercial do Porto.

Agentes de Seguros

Carrelhas & Filho, Successor, da Companhia «Portugal».

João José Alves Cerqueira, das Companhias «Indemnizadora» e «Probidade».

João da Silva Ferreira, da Companhia «Garantia».

Joaquim Ferreira da Silva, das Companhias «Fidelidade» e «Union y el Fenix Hespanol».

José Luiz da Silva Cerqueira, da Companhia «Internacional».

Constructores de Fragatas

João d'Oliveira Gomes, João d'Oliveira Gomes Silvestre.

Depositos de Azeite

Affonso José Martins, José Ferreira Malaquias, José Rodrigues Figueiredo, Manoel Valente d'Almeida.

Exportadores de Sardinha

Antonio Augusto Fragateiro, Antonio Pereira de Carvalho, Joaquim Valente d'Almeida.

Fabricas

A Varina (conservas alimenticias) — Ferreira, Brandão & C.^a, Moagem de Cereaes—Soares Pinto & C.^a, Limitada Ceramica—Peixoto, Ribeiro & C.^a

Feiras Mensaes

De gado vaccum e suino a 12, de gado vaccum e cavallar a 24 e 29, e a 13 em Vallega.

Hoteis e Hospedarias

«Cadete»—Estação, «Canastreiro» — Rua de St.^a Anna, «Central» — Rua da Praça, «Cerveira» — Furadouro, «Jeronymo» — Largo do Chafariz, «Nunes Lopes» — Rua dos Campos.

Lojas de Fazendas

João Alves — Praça, João Costa — Praça, José Garrido — Rua dos Campos.

Mercearias

Abilio José da Silva — Ponte Nova-Francisco de Mattos — Praça, José Gomes Ramillo — Rua do Bajunco, José Luiz da Silva Cerveira — Praça, José Maria de Pinho Valente — Rua da Graça, Manoel Valente d'Almeida — Praça, Pinho & Irmão — Praça, Viuva de José de Mattos — Poça, Viuva Salvador — Largo do Chafariz, Tarujo & Laranjeira — Rua da Graça.

Negociantes de Cereaes

Domingos da Fonseca Soares, Francisco Correia Dias, Manoel Fernandes Teixeira, Manoel da Silva Bonifacio & C.^a, Salvador & Irmão.

Recebedoria

Recebedor — Antonio Valente Compadre.

Aberta todos os dias uteis, das 9 horas da manhã ás 3 da tarde.

Tanoaria

Carrelhas — Rua das Figueiras.

Vendedores de Cal

Manoel da Cunha e Silva, Manoel d'Oliveira da Cunha.

HORARIO DOS COMBOYOS

DO PORTO A OVAR E AVEIRO

DESDE 5 DE NOVEMBRO

Comboyos	Tr.	Om.	Tr.	Rap.	Tr.	Exp.	Tr.	Rap.	Tr.	Cor.		
MANHÃ	S. Bento	5,19	6,35	7	8,50	9,39	TARDE	2,45	3,33	5	5,40	8,45
	Espinho	6,20	7,30	8	9,28	10,48		3,40	4,31	5,39	6,41	9,46
	Esmoriz	6,36	7,38	8,16	—	11,2		—	4,46	—	6,58	9,53
	Cortegaça	6,42	—	8,22	—	11,7		—	4,52	—	7	—
	Carvalhara	6,48	—	8,28	—	11,11		—	4,59	—	7,11	—
	OVAR	6,58	7,52	8,38	—	11,22		3,59	5,9	—	7,22	10,13
	Vallega	—	7,57	—	—	11,29		—	—	—	7,29	—
	Avanca	—	8,2	—	—	11,35		—	—	—	7,36	—
	Aveiro	—	8,36	—	10,6	12,16		4,37	—	6,14	8,17	10,55

DE AVEIRO E OVAR AO PORTO

Comboyos	Tr.	Cor.	Tr.	Tr.	Tr.	Rap.	Tr.	Om.	Rap.	Om.		
MANHÃ	Aveiro	3,54	5,45	—	—	11	TARDE	2,5	—	5,34	9,55	10,23
	Avanca	4,37	—	—	—	11,39		—	—	6,9	—	—
	Vallega	4,43	—	—	—	11,43		—	—	6,14	—	—
	OVAR	4,51	6,23	7,20	10,13	11,54		—	5,35	6,23	—	11,4
	Carvalhara	5,2	—	7,31	10,21	12,4		—	5,46	—	—	—
	Cortegaça	5,7	—	7,36	10,26	12,8		—	5,51	—	—	—
	Esmoriz	5,13	6,37	7,42	10,33	12,13		—	5,57	6,38	—	11,18
	Espinho	5,30	6,48	7,59	10,51	12,30		2,39	6,14	6,51	10,34	11,28
	S. Bento	6,04	7,47	9,2	11,54	1,47		3,18	7,15	8,1	11,16	12,26